

Sobre viver o encontro Aristides, dentro e fora do grupo organizador

Por Bruno Andreoni, participante e membro do comitê organizador

Você recebe um e-mail dizendo que estão montando um encontro de profissionais do desenvolvimento e que ele será feito e proposto por um grupo de pessoas de forma voluntária. Aí você pensa... Por que não? Por que não me juntar às pessoas e também fazer parte dessa proposição?

Você começa, então, a participar das reuniões, no início mensais ou a cada 20 dias, e das reflexões: Por que estamos fazendo isso? O que é reunir pessoas? Para que queremos esse encontro? O que nos incomoda, inspira ou nos inquieta para propor esse encontro? Qual seria o formato, as atividades? Você passa a conviver com esse movimento e pede ajuda para todos os interessados enviarem as questões que estão vivendo e enfrentando no dia a dia.

Juntando as respostas com as nossas vontades, nasceram novas questões: Quem somos? O que estamos vivendo? Fazendo? Qual é o contexto social brasileiro e em qual contexto estamos atuando? Como

sustentamos o campo de desenvolvimento social com este papel de profissionais de desenvolvimento? Como nos reconhecemos? O que nos identifica? Essas questões orientaram os blocos de provocações e atividades. Nasceu um fluxo, um sentido para o encontro e surgiram as responsabilidades e divisão de tarefas: afinal éramos 10 cabeças e corpos pensantes de um encontro para nós mesmos e para outros 30 participantes.

Nasceram também as expectativas e as vontades mais vibrantes. Elas se transformaram no encontro entre os organizadores e os participantes que ali chegaram para viver os três dias. A agenda, os fluxos e as atividades tiveram que ser (re)posicionados - pensados - entendidos - resignificados, diante da realidade apresentada naquele momento.

Tivemos que viver o encontro do sonho com a realidade e tivemos que explorar as leituras que estávamos sentindo, vendo e fazendo nos primeiros momentos do Aristides. Um grupo que chegou para respirar, para criar pausa no fazer, e para se conectar com outros, semelhantes. Um grupo que veio para contar sobre o seu dia a dia, para explorar casos, buscar conteúdo e olhares para aquilo que estava fazendo e colocando no mundo.

Um grupo que pedia de nós, organizadores, que vivessem noites em reuniões, intervalos em discussões e conversas de preparo ao mesmo tempo em que estávamos também vivenciando o ser participante das atividades. A dança de estar em dois polos, de



SOBRE ARISTIDES

é o apelido carinhoso que surgiu para honrar esse encontro entre pessoas que já participaram do Profides: Profissão Desenvolvimento e Artistas do Invisível. O II Encontro Nacional de Profissionais de Desenvolvimento aconteceu de 1 a 3 de dezembro de 2013, em São Paulo, reunindo 35 participantes oriundos de várias regiões do país. O grupo organizador foi formado por Ana Biglione, Arnaldo Motta, Bruno Andreoni, Fabiana Tock, Felipe Brito, Flora Lovato, Ivy Moreira, Márcia Tomazinho, Pilar Cunha e Saritta Brito Falcão. Confira o [registro fotográfico](#) deste encontro!

mudar de campo, de criar a partir do planejar - atuar - provocar e ser provocado, se provocar, questionar, discutir, escutar, ver, desenhar, pensar, e pensar novamente.

Entendemos que menos era mais; menos atividades dariam mais espaço para conversas, trocas e o encontro em si. Abrir espaço significava permitir “não saber”, abrir mão da agenda de atividades que havíamos desenhado e sustentar um “vazio” para que o fenômeno daquele encontro, grupo, pudesse se manifestar e mostrar o fluxo que faria mais sentido ao que estava querendo nascer e viver entre nós.

O Aristides reuniu diferentes pessoas de diferentes formações do Instituto Fonte e buscava explorar a questão: “O que precisamos para sustentar o campo do desenvolvimento social, com uma atuação viva do profissional?”. O Aristides - e a experiência de viver no espaço que existe entre o encontro do que se propõe com o que acontece -, criou boas questões e sustentou a prática de lidar com situações de forma viva. Observamos que a possibilidade de abrir mão do controle (agenda - fluxo) e confiar no processo trouxe riqueza; que o “vazio” e o “não saber” precisam de espaço; que o simples possui valor; que o tempo, a atenção pedem uma qualidade de cuidado verdadeiro; e que as trocas vinham das necessidades e dos conteúdos que eram trazidos por cada um dos participantes.

